

Senai Ary Torres
Curso de Operador de Suporte Técnico em T.I

Maria Eduarda Lopes Ribeiro

OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA

Santo Amaro – São Paulo

2022

FREIRE, Paulo “Se a educação sozinha não transforma, sem ela tampouco a sociedade muda”. São Paulo: Unesp, 2000.

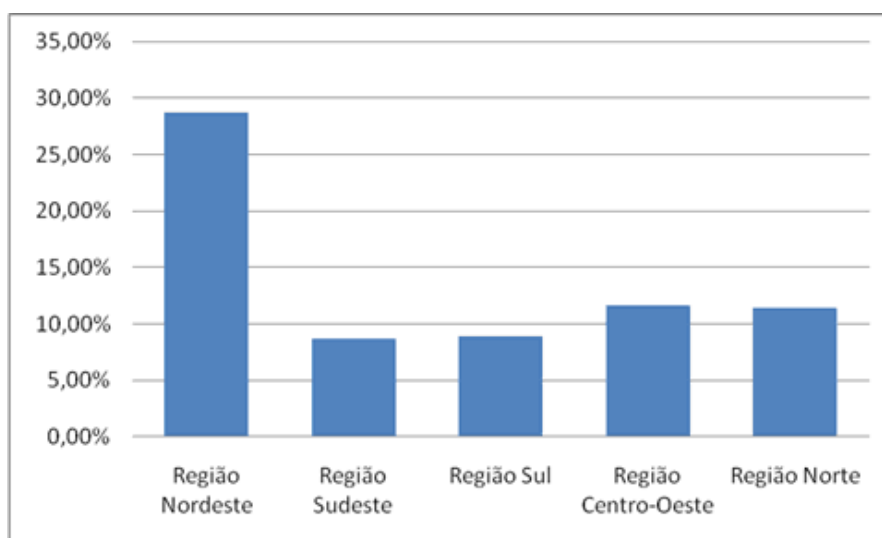
SUMÁRIO

CAPA.....	1
SUMÁRIO.....	2
INTRODUÇÃO.....	3
REFERENCIAL TEÓRICO.....	3
2.1 A PEDAGOGIA LIBERTADORA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO CONTEXTO DA EJA.....	3
3 EJA: PORTA DE OPORTUNIDADES.....	1
3.1 EJA: NÍVEL FUNDAMENTAL.....	1
3.2 EJA: NÍVEL MÉDIO.....	1
4. EDUCANDO E SEUS EDUCADORES.....	1
4.1. EDUCANDOS.....	1
4.2. OS EDUCADORES.....	1
REFERÊNCIAS.....	1

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino destinada às pessoas que não tiveram acesso ou não puderam dar continuidade ao Ensino Fundamental e Médio na faixa etária correspondente. Hoje, embora o Brasil ainda tenha aproximadamente 13 milhões de pessoas não alfabetizadas, podemos perceber que os sistemas de ensino têm oferecido maiores oportunidades educacionais. Sendo assim, essas pessoas que na idade adequada foram privadas, por diversos motivos, dos saberes formais instituídos pela escola, passam a ter seu direito à educação assistido e garantido.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)¹¹ de 2014 apontou que 13 milhões de brasileiros são analfabetos. A taxa de analfabetismo mostrou-se maior entre jovens, adultos e idosos em todas as regiões do país. Entre aqueles de 20 a 59 anos de idade, a taxa de analfabetismo foi de 14% e entre os idosos (60 anos ou mais de idade) foi de 23,9% (IBGE, 2014). Paradoxalmente a esta realidade, já em 2013 foi observado um decréscimo no quantitativo de matrículas da educação básica no valor de 1%, o equivalente a 502.602. O número de alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos (EJA) também sofreu uma redução. A EJA apresentou queda de 3,4% (134.207), totalizando 3.772.670 matrículas. Deste total, 2.447.792 (64,9%) estão no ensino fundamental (inclui EJA integrado à educação profissional e Projovem Urbano) e 1.324.878 (35,1%) no ensino médio (inclui EJA integrado à educação profissional) (INEP, 2013).



¹ Essa pesquisa tinha por principal objetivo apurar as características gerais da população, incluindo dados de educação, trabalho, rendimento e habitação.

Figura 1: Percentual da população analfabeta com mais de 15 anos, por região (Brasil, 2000).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A PEDAGOGIA LIBERTADORA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO CONTEXTO DA EJA

A Educação de Jovens e Adultos é parte integrante do projeto sociopolítico global da luta popular na sociedade de classes. É parte do processo global de formação de capacitação popular. Almeja-se uma educação capaz de contribuir para a formação de homens e mulheres dotados de consciência social e de responsabilidade histórica, aptos para a intervenção coletiva organizada sobre a realidade, a partir de sua comunidade local, sempre em busca da melhoria da qualidade de vida para todos.

Esta educação implica, portanto, um caminho que parte da leitura da realidade, dos temas sociais de abrangência e urgência nacional e dos temas de interesse local. Para o estudo destes temas, faz-se necessário buscar recursos científicos. Daí a importância das áreas disciplinares concebidas como meios para o estudo e intervenção sobre a realidade. De acordo com Arroyo:

Coletivos de docentes-educadores/as inventam formas de sair da rigidez das disciplinas e trazer esses conhecimentos de resistências para fortalecer os educandos em seu direito à vida e em suas resistências por libertação. A procura da escola, desde crianças, e da EJA, como adolescentes, jovens, adultos em vidas tão violentadas pelos medos, será mais do que uma mostra de coragem para superá-los. Poderá ser o espaço, o tempo de garantir seu direito a conhecimentos que valorizem suas resistências por libertação. Garantir um conhecimento que os liberte. Em coletivos de mestres e educandos podem ser levantados dados sobre a diversidade de formas de resistências e de tentativas de políticas do Estado pelo direito à vida. Entender as causas trazidas para justificar a violência, o extermínio da juventude popular, pobre, negra. A escola, o conhecimento escolar será o lugar onde poderão entender de maneira sistematizada porque são vítimas de tantas violências sociais e raciais, de gênero. Por que condenados a viver no medo (ARROYO, 2017, p. 244).

Por isso, a ação só se torna consciente e participativa, quando os excluídos sociais são capazes de compreender a sua própria historicidade, a sua própria identidade. Para este educando, de nada vale saber ler e escrever, se a sua realidade histórica permanecer inalterada. Então, de acordo com Arroyo (2017) para se reinventar a EJA é preciso fazer uma relação entre direitos humanos e educação

FREIRE, Paulo “Se a educação sozinha não transforma, sem ela tampouco a sociedade muda”. São Paulo: Unesp, 2000.

de jovens-adultos com o intuito de reconhecer esses educandos como sujeitos de direitos humanos e alargar a concepção de educação na perspectiva da Constituição Federal e da LDB. Como consequência, também não reduzimos a educação à simplificada e reducionista visão de assegurar o ensino como algo que não puderam efetuar na idade regular

Desta forma, não cabe ao professor depositar conteúdos, mas estar atuante como um sujeito histórico comprometido com a sua própria prática social. Como nos diz Freire:

O papel ativo do homem em sua e com sua realidade. O sentido de mediação que tem a natureza para as relações e comunicação dos homens. A cultura como o acrescentamento que o homem faz ao mundo que não fez. A cultura como resultado de seu trabalho. Do seu esforço criador e recriador. O sentido transcendental de suas relações. A dimensão humanista da cultura. A cultura como aquisição sistemática da experiência humana. Como uma incorporação, por isso crítica e criadora, e não como uma justaposição de informes ou prescrições “doadas”. A democratização da cultura – dimensão da democratização fundamental. O aprendizado da escrita e da leitura como uma chave com que o analfabeto iniciaria a sua introdução no mundo da comunicação escrita. O homem, afinal, no mundo e com o mundo. O seu papel de sujeito e não de mero e permanente objeto. A partir daí o analfabeto começaria a operação de mudança de suas atitudes anteriores. Descobrir-se-ia, criticamente, como fazedor desse mundo da cultura (FREIRE, 2019b, p. 142-143).

Na forma de trabalho de Paulo Freire, podemos observar que, primeiramente, para se educar adultos, é necessário fazer com que o aluno perceba sua própria existência, seu lugar neste mundo, exerça uma função. É importante recuperar sua estima, ou ajudar a construí-la. Quando este aluno é capaz de perceber estes detalhes ele começa a sentir a necessidade e o prazer de aprender, começa então uma nova etapa, na qual o aluno já possui vontade de aprender e busca o aprendizado. Desta forma é possível, segundo experiências feitas por Paulo Freire, se obter melhores resultados na alfabetização, que ele considera não só o saber ler e escrever, mas também a participação política.

3 EJA: PORTA DE OPORTUNIDADES

3.1 EJA: NÍVEL FUNDAMENTAL

FREIRE, Paulo “Se a educação sozinha não transforma, sem ela tampouco a sociedade muda”. São Paulo: Unesp, 2000.

“Na educação de jovens e adultos (EJA) de nível fundamental, 66,8% das matrículas estão na rede municipal, seguida pela rede estadual e pela rede privada, que apresentam 28,8% e 4,4%, respectivamente.” (BRASIL, 2021)

Baseando-se nesses dados evidenciamos que no Brasil o ensino fundamental ainda apresenta um modo compartilhado de distribuição de matrículas.

Em relação a esse detalhe, sabemos que o artigo nº 11 das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) possibilita este recurso colaborativo entre o estado e as prefeituras.

3.2 EJA: NÍVEL MÉDIO

Na EJA de nível médio, “a rede estadual é responsável por 88,9% das matrículas, seguida da rede privada e da rede municipal com 8,0% e 2,0%, respectivamente.” (BRASIL, 2021).

Naturalmente isso ocorre porque o Artigo nº10 da LDB assevera que é de responsabilidade de cada unidade federativa garantir “[...] o ensino médio a todos que o demandarem [...]” (BRASIL, 1996)

4. EDUCANDO E SEUS EDUCADORES

4.1. EDUCANDOS

Os alunos da EJA, são aqueles que não tiveram a possibilidade de concluir os seus estudos no seu tempo regular. Ele vem agora buscar sua inserção nesta sociedade, que na maioria das vezes é entendida como “falsa erudita”, onde o mercado “capital”, busca cada vez mais pessoas com elevados graus de letramento. Mais quem afirma que esses educandos não são letrados? Ninguém, ou melhor, o mercado. Acreditamos aqui que todo o ser social ele tem seu grau de letramento individual, isto por que, não podemos deixar de considerar o letramento fora da escola. Este indivíduo busca o letramento dentro da escola, mas não deixou de adquirir o seu letramento fora dela.

Esses educandos são os adultos, que um dia receberam uma educação bancária, que não respeitava uma transferência mútua de conhecimentos, fazendo que conteúdos fossem depositados em cada um. Graças a Paulo Freire, esta concepção foi bastante criticada, principalmente em seu livro Pedagogia do Oprimido, que retrata justamente a opressão que esses estudantes receberam de opressores, que

FREIRE, Paulo “Se a educação sozinha não transforma, sem ela tampouco a sociedade muda”. São Paulo: Unesp, 2000.

não são os professores, mas todo o sistema educativo. Os educandos da educação popular eram tratados com preconceitos e hoje este preconceito ainda não deixou de existir, mas, acontece em insignificante quantidade, por aqueles que ainda insistem em oprimir quem não merece ser oprimido.

A falsa caridade, da qual decorre a mão estendida do “demitido da vida”, medroso e inseguro, esmagado e vencido. Mão estendida e trêmula dos esfarrapados do mundo, dos “condenados da terra”. A grande generosidade está em lutar para que, cada vez mais, estas mãos, sejam de homens ou de povos, se estendam menos em gestos de súplica. Suplicas de Humildes a poderosos. E se vão fazendo, cada vez mais, mãos humanas que trabalhem e transformem o mundo. (FREIRE, 1997:42).

Esta citação do mestre Paulo Freire, refere-se justamente ao que o educando sofreu e ainda sofre ao longo do tempo. Vivem em uma sociedade em que precisam todos os dias se curvarem a aqueles que são seus opressores. Por isso, o novo conceito de educação libertadora proposta por Freire, diz que os conhecimentos adquiridos por todos os educandos devem ser sempre considerados, pois, somente se conhece o que é bom quando se conhece o ruim.

Por isso a perspectiva desses educandos aparece na sua fome de adquirir novos conhecimentos, se atualizar cada vez mais para assim poder ser mais liberto de um sistema onde opressores oprimem e oprimidos são sofridos. Porém vale salientar aqui, que não adiantará uma mútua transferência de conhecimentos sem que mútuas experiências sejam respeitadas. Ai a importância do professor, que ao nosso ver, está entre os dois lados, o do opressor e do oprimido. Profissional este que tem o dever de transmitir e respeitar conhecimentos e transferências, eliminando qualquer preconceito existente.

Na medida em que esta visão bancária anula o poder criador dos educandos ou o minimiza, estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade, satisfaz ao interesse dos opressores: para estes o fundamental não é o desnudamento do mundo, a sua transformação. O seu “humanitarismo”, e não humanismo, está em preservar a situação de que são beneficiários e que lhes possibilita a manutenção de sua falsa generosidade. (FREIRE, 1997:83).

Esta citação de Freire nos indica o real interesse que os opressores têm com os seus educandos sejam em ensino regular e principalmente na Educação Popular. Não querem indivíduos críticos e sim indivíduos passivos, domáveis, obedientes, para que eles possam através de sua falsa erudição controlar tudo e todos. Vale salientar que quando utilizamos o termo “falsa erudição”, queremos chamar à atenção para dizer que este saber dito erudito por parte dos opressores, o saber oficial, não é o saber correto a ser seguido, pois, cada ser social busca em seu individualismo, seus próprios interesses de aprendizagem. Então, o saber erudito é como uma mistura de todos os saberes em busca

FREIRE, Paulo “Se a educação sozinha não transforma, sem ela tampouco a sociedade muda”. São Paulo: Unesp, 2000.

de uma perspectiva que atenda a todas as classes sociais, respeitando umas às outras, sem que nenhuma seja tida como maior ou melhor que outro. É como um equilíbrio para que a boa criticidade seja alcançada e a opressão não aconteça

Agora retornando ao assunto, queremos aqui, concordar com mais uma citação de Freire, sobre a espécie de lavagem cerebral que é feita nos oprimidos para que eles ajam como querem seus opressores:

“Na verdade, o que pretendem os opressores “é transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime”, e isto para que, melhor adaptando-os a esta situação, melhor os dominem”. (FREIRE, 1997:84).

Caso este objetivo não seja alcançado, a da concepção práxis bancárias, os oprimidos recebem o nome de “assistidos”, mas que são marginalizados e discriminados pela própria sociedade oprimida pelo simples fato de não serem dominados e não se encaixarem na perspectiva da opressão, que é a de formar cidadãos cada vez mais controlados e passivos.

4.2. OS EDUCADORES

Acima pudemos entender quem são os alunos da Educação de Jovens e Adultos e o por que eles assim procuram tal modalidade de educação. Agora buscaremos aqui entender quem são os educadores da EJA. Esses profissionais são Pedagogos? Profissionais do Magistério? Existe alguma formação específica para os profissionais da EJA? É uma modalidade educacional que está além do curso de Pedagogia? E quando o curso de pedagogia e seu currículo dão conta da EJA? Esses são alguns questionamentos que tentarei esclarecer aqui, levando em conta as ideias de Paulo Freire e Suzana Schwartz.

“O objetivo do trabalho didático-alfabetizador é contribuir para que os sujeitos se tornem usuários autônomos da linguagem”. (Schwartz, 2010:41).

O professor alfabetizador, não deve contemplar somente o sistema de linguagem e tornar o estudante, que é um ser de muita luz, autônomo dessa linguagem e da escrita. O professor é, segundo Paulo Freire, o libertador deste aluno para a vida.

Temos que considerar o estudante da EJA como um ser já com vida praticamente conclusa, o que lhe falta é só a liberdade que o professor tem o papel de lhe dar, através da transferência dos múltiplos conhecimentos. Queremos então chamar a atenção, que o ato de ensinar não é só o método de transferência de conhecimentos, mas também o ato de respeitar o conhecimento já adquirido dos seus alunos, realizando a soma de suas experiências já existentes com as que o próprio professor terá que transferir, o que chamamos então de troca de saberes.

Então, o ato de transferir conhecimento vai muito além de ensinar, de aprender, e até mesmo vai mais além do fazer. Transferir conhecimentos requer necessidades extraordinárias de respeito e de conhecimento por parte do professor que na maioria das vezes não é encontrado em livros ou aprendidos nas faculdades. Cabe aos professores usarem sua inteligência para assim poder perceber a necessidade real de cada aluno e de cada turma e assim poder andar com seus alunos, juntos, em um caminho repleto de conhecimentos e boas experiências.

(Schwartz, 2010) diz que o professor necessita refletir sobre si, primeiramente, de forma crítica, sobre que teorias ele vai seguir afim de ter clareza sobre que correntes teóricas ele irá seguir para embasar sua prática, e decidir que tipo de aluno ele quer formar. São eles:

Um aluno copista: que não reproduz, que não transfere e consequentemente não aprende. É o tipo de aluno que existe na escola somente para copiar o que o professor escreve no quadro, não opina, não aparece para o professor, não entende, quer só terminar o seu estudo na escola e receber sua ficha de conclusão do curso, seja ele fundamental ou médio. Geralmente este tipo de aluno não estuda, e utiliza o método de decoração do que é escrito pelo professor em sala de aula. Esse é o perfil do professor “Professauro”, fazendo referência ao livro professores e professauros de Celso Antunes, onde é possível enxergar que é o professor que não está muito preocupado se o aluno aprendeu; este professor deposita o conteúdo estando mais preocupado no depósito do que na aprendizagem.

Um aluno reproduzidor de ideias: é aquele que não é autônomo de fato. É incapaz, ou melhor, não consegue ter ideias próprias por que a prática docente não lhe permite tal. Às vezes pensa que é mais fácil reproduzir o que o professor fala, pois acha mais cômodo, do que pensar e tirar suas próprias conclusões, e as vezes esse aluno chega às suas conclusões tendo ideias maravilhosas, mas, devido a autoridade ainda militar do professor, prefere guardar pra si sua opinião e reproduzir a opinião do outro. Este professor dito por mim como militar, faz jus ao professor autoritário que prefere impor sua opinião, ao invés de transferir e respeitar ideias. É o professor que pensa que é o dono da verdade,

FREIRE, Paulo “Se a educação sozinha não transforma, sem ela tampouco a sociedade muda”. São Paulo: Unesp, 2000.

o detentor de todo conhecimento e que o aluno é a mais pura tábua rasa, independente de esse aluno ter ou não experiências que possa ser trocada.

Um ser pensante, e autônomo: Este é aquele aluno que pensa, tem criticidade e opinião própria. É o aluno que tem suas experiências e conhecimentos respeitados pelo professor. Ele não recebe depósitos de conhecimentos e conteúdos, aprende a respeitar opiniões e impõe respeito as suas, é capaz de construir um conhecimento rico com toda a sala de aula, além de ajudar o professor no ato mais importante; o de aprender de fato tudo que lhe é passado. Este professor por sua vez, é o questionador, o que desperta o interesse do aluno em enxergar as coisas da maneira correta, além de aumentar a cede de seus alunos em aprender. É um profissional inteligente e ao mesmo tempo inquieto que só fica satisfeito quando todos os seus alunos conseguem ser de fato autônomos em suas ideias e em seus pensamentos.

Reconhecer a necessidade de diagnosticar cientificamente os saberes dos alunos, bem como os motivos reais que levam esses sujeitos adultos a querer e necessitar aprender e transferir o conhecimento, a ler e a escrever, a pensar e a criticar;

Considerar que esses sujeitos já tiveram no passado uma tentativa de aprendizagem que acabou por ser frustrada pela vida, fazendo-os de certa forma fracassarem. Este sentimento de fracasso pode desencadear neste indivíduo a falsa sensação de incapacidade de aprendizagem e desencadeá-lo para o sentimento de desamparo para com a aprendizagem.

FREIRE, Paulo “Se a educação sozinha não transforma, sem ela tampouco a sociedade muda”. São Paulo: Unesp, 2000.

REFERÊNCIAS

SCHWARTZ, Suzana. Alfabetização de jovens e adultos: teoria e prática. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 1998.

LEAL, T.F; ALBUQUERQUE, E.B.C; MORAIS, A.G. (org.).Alfabetizar letrando na EJA: Fundamentos teóricos e propostas didáticas. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2010.

SOUZA, Maria Antônia. Educação de jovens e Adultos. Curitiba. Editora IBPEX, 2007.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José. (org.). Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta. São Paulo. Editora Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2014

PINTO, Álvaro Vieira. Sete lições sobre educação de adultos. São Paulo. Editora Cortez, 2010.

PAIVA, Jane; MACHADO, M,M; TIMOTHY, Ireland. (org.). Educação de Jovens e Adultos: Uma memória contemporânea 1996-2004. Brasília. Virtual Books, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=657-vollejaelt-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 22 de Jan. de 2016, 10:30:00.

IRELAND, T.D; SPEZIA, C.H. (org.). Educação de Adultos em Retrospectiva: 60 anos de CONFINTEA. Brasília. Virtual Books, 2014. Disponível em: <http://confinteabrasilmais6.mec.gov.br/images/documentos/educacao_adultos_retrospectiva_CONFINTEA.pdf>. Acesso em: 19 de Mar de 2016, 15:05:03.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado, 1988.

PARECER CEB 11/2000. In: SOARES, Leôncio. Diretrizes Curriculares Nacionais: Educação de Jovens e Adultos. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

Resolução CNE/CEB 1/2000. In: SOARES, Leôncio. Diretrizes Curriculares Nacionais: Educação de Jovens e Adultos. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ARROYO, Miguel G. Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

FREIRE, Paulo “Se a educação sozinha não transforma, sem ela tampouco a sociedade muda”. São Paulo: Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019a.

_____. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019b.

_____. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019c.

_____. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019d.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (Orgs.). Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta. São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei Federal nº 9.394. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 20 de dezembro de 1996.

_____. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº 11/2001 e Resolução CNE/CBE nº 1/2000. Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília: MEC, maio 2000.

_____. Mapa do Analfabetismo no Brasil. Brasília: MEC/INEP, 2003. Disponível em <http://www.inep.gov.br/estatisticas/analfabetismo/>.

_____. Congresso Nacional. Decreto nº 5.478. Instituição do Proeja. Brasília, 24 de junho de 2005.

FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PAIVA, Jane (orgs.). Educação de Jovens e Adultos. Rio de Janeiro: SEPE-RJ, 2004.

PORCARO, Rosa Cristina. A História da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. Disponível em www.dpe.ufv.br/nead/docs/ejaBrasil.doc. Acesso em 16 out. 2009

SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). Semear outras soluções. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.